

AS DENOMINAÇÕES NO LÉXICO DE *GRANDE SERTÃO: VEREDAS* SOB UMA PERSPECTIVA ETNOTERMINOLÓGICA

Vanice Ribeiro Dias Latorre
Universidade de São Paulo – USP
vanicelatorre@uol.com.br

RESUMO: Este artigo propôs-se a examinar algumas unidades lexicais do léxico rosiano de *Grande Sertão: Veredas*, considerando os parâmetros da mais recente pesquisa teórica de Maria Aparecida Barbosa, a Etnoterminologia. Estamos nos referindo à instigante dinâmica linguística que revela representações acerca dos fatos, concepções e visões de mundo, convenções culturais, tradições, crenças, formas de perceber, sentir, pensar e simbolizar a realidade: o discurso etnoliterário materializado no conteúdo conceptual e semântico atualizado por Guimarães Rosa, com sua reconhecida e rigorosa precisão, conteúdos esses que são desvelados nos traços específicos ou nos conceitos de cada unidade lexical, inventada ou reinventada em sua obra.

PALAVRAS-CHAVE: Etnoterminologia. Léxico. Vocábulo-termo. Cultura. Etnicidade.

RÉSUMÉ: Cet article cherche à examiner quelques-unes des unités lexicales dans le lexique de Guimarães Rosa dans l'oeuvre "Grande Sertão: Veredas, considérant les paramètres des dernières recherches théoriques de Maria Aparecida Barbosa, la Ethnoterminologie. Nous nous référons à la passionnante dynamique linguistique qui révèle les représentations sur les faits, concepts et visions du monde, des conventions culturelles, traditions, croyances, différentes façons de percevoir, de sentir, de penser et de symboliser la réalité: le discours ethnolettéraire, concretisé dans le contenu conceptuel et sémantique mise à jour par Guimarães Rosa, avec sa précision et son rigueur reconnus. Ces contenus sont dévoilés dans les traits ou dans concepts spécifiques de chaque unité lexicale, inventé ou réinventé dans son oeuvre.

MOTS-CLÉ: Ethnoterminologie. Lexique. Mot-Thème. Culture. Ethnicité

Introdução

De quantos pontos de vista a obra de Guimarães Rosa já não terá sido analisada e através de quantos olhares ainda será possível considerá-la?

Recorremos à tantas vezes repetida, mas sempre tão oportuna citação de Saussure, “*C’est le point de vue que crée l’object*”, para lembrar que há mais de meio século Antônio Cândido afirmou que em *Grande Sertão: Veredas* há de tudo para quem souber ler e, mais recentemente, disse ainda que “*Grande Sertão: Veredas é um desses livros inesgotáveis*” (CÂNDIDO, 2006, p. 3), ou seja, sempre poderá ser analisado a partir de uma nova perspectiva.

O ponto de vista que escolhemos para empreender a análise de Rosa, tendo sido concebido individual e intuitivamente, é por si só um recorte original, e se apropria de uma das possíveis dimensões de análise do léxico rosiano, as denominações, tão caras ao autor, e que são indicativas da etnicidade de um grupo específico, histórica e geograficamente circunscrito: o sertanejo dos sertões dos Gerais.

Mesmo o leitor menos atento percebe que Rosa reverenciava a palavra. Ela nos enreda nos volteios linguísticos que nos incitam a refletir sobre o uso que o autor faz do léxico que o seduzia e, vem acompanhada pela fascinação do autor pelo nome, que resulta em um extenso e rico acervo do vocabulário do sertanejo das veredas do sertão dos Gerais, repleto de termos arcaicos e eruditos concorrendo com a atenção que dispensava o autor ao moderno e ao popular.

A dimensão linguística, a mais importante dimensão de sua obra, confere à palavra o poder de amalgamar ao regionalismo eivado de termos arcaicos, a linguagem moderna que é uma de suas fontes de preocupação:

Eu incluo em minha dicção certas particularidades dialéticas da minha região, que são linguagens literárias e ainda têm sua marca original, que não estão desgastadas e quase sempre são de uma grande sabedoria linguística. Além disso, como autor do século XX, devo me ocupar do idioma formado sob a influência das

ciências modernas e que representa uma espécie de dialeto. E também está à minha disposição esse magnífico idioma já quase esquecido: o português dos sábios e dos poetas daquela época dos escolásticos da Idade Média, tal como se falava, por exemplo em Coimbra.(...) Assim nasce então meu idioma que, quero deixar bem claro, está fundido com elementos que não são de minha propriedade particular, que são acessíveis igualmente para todos os outros. (ROSA, 2006, p.82)

Observamos que Guimarães Rosa tinha consciência da constante evolução linguística e da importância das línguas terminológicas, próprias a cada área de especialidade, que se constituiriam em torno das ciências modernas e que não poderiam ser ignoradas.

Este trabalho propôs-se a examinar algumas unidades lexicais do léxico rosiano de “Grande Sertão: Veredas” considerando os parâmetros da mais recente pesquisa teórica de Maria Aparecida Barbosa, a Etnoterminologia. Estamos nos referindo à instigante dinâmica linguística que revela representações acerca dos fatos, concepções e visões de mundo, convenções culturais, tradições, crenças, formas de perceber, sentir, pensar e simbolizar a realidade: o discurso etnoliterário materializado no conteúdo conceptual e semântico atualizado por Guimarães Rosa, com sua reconhecida e rigorosa precisão, conteúdos esses que são desvelados nos traços específicos ou nos conceitos de cada unidade lexical, inventada ou reinventada em sua obra.

A difícil tarefa de apropriar-se de outra realidade, portanto de outra visão de mundo, gerou documentos de imensa importância entre Rosa, o autor, e vários de seus tradutores.

O convite, porém, *para “vestir a roupa de campeiro, montado em um cavalo malhado e saindo por essas chapadas e veredas sertanejas nossas”* (ROSA, 2003, p.190), para melhor poder entender sua língua, foi rigorosamente aceito pelos mais famosos de seus tradutores.

Estimulados a reflexões e liberdades, vãos por cima, a criação literária foi compartilhada humildemente com seus tradutores, tão

importantes eram para Rosa seus “*eventuais leitores*” de outras línguas. Seus processos de criação foram generosamente expostos para que seus tradutores pudessem penetrar no cenário linguístico “*exótico e mal conhecido*” em que Rosa tão bem inseriu o sertanejo brasileiro do sertão dos Gerais, em meio à excepcional descrição de cada detalhe que o cercava, à riqueza de denominações da fauna, flora, crenças, valores e sentimentos, da etnicidade enfim, que definem o sertanejo e seu sertão de maneira ímpar.

No livro *Guimarães Rosa, Correspondência com seu Tradutor Italiano Edoardo Bizzarri*, em carta datada de 06 de outubro de 1963, Bizzarri, registra o abismo que subjaz ao entendimento da realidade fenomênica pelos diversos grupos humanos ou mesmo entre indivíduos. Processada conceitualmente de modos diversos, cada realidade resulta em diferentes modelos que refletem a axiologia própria de cada grupo ou indivíduo.

O tradutor italiano queria saber o significado de uma palavra que não fazia parte do seu universo linguístico, o denominativo *vereda*, termo recorrente em inúmeras e inúmeras passagens na obra de Rosa.

Assim expôs Bizzarri:

Enfim (não fique admirado, mas todo tradutor tem sua cisma), gostaria de ter sua definição de “*vereda*”; com quase certeza, não vou traduzir a palavra para o italiano, aliás, procurarei introduzi-la na minha língua, como indicativa de uma realidade típica e intransponível, mas, justamente por isso, preciso ter confirmada a imagem que me formei daquela realidade. (ROSA, 2003, p. 36)

A resposta pormenorizada do escritor mineiro, datada de 11 de outubro de 1963, veio com a descrição da paisagem geográfica, o ambiente de feições variadas que caracteriza o sertão dos Gerais, assim como, com explicações sobre o homem que a habita que transcrevemos a seguir, *ipsis litteris*:

VEREDA

Você sabe, desde grande parte de Minas Gerais (Oeste e sobretudo Nordeste), aparecem os “campos gerais”, ou “gerais” – paisagem geográfica que se estende, pelo Oeste da Bahia, e Goiás (onde a palavra vira feminina: as gerais), até ao Piauí e ao Maranhão.

O que caracteriza esses GERAIS são as chapadas (planaltos, amplas elevações de terreno, chatas, às vezes serras mais ou menos tabulares) e os chapadões (grandes, imensas chapadas, às vezes séries de chapadas). São de terra péssima, vários tipos sobrepostos de arenito, infértil. (Brasília é uma típica chapada...) E tão poroso, que, quando bate chuva, não se forma lama nem se vêem enxurradas, a água se infiltra, rápida, sem deixar vestígios, nem se vê, logo depois, que choveu. A vegetação é a do cerrado: arvorezinhas tortas, baixas, enfezadas (só persistem porque têm longuíssimas raízes verticais, pivotantes, que mergulham a incríveis profundidades). E o capim, ali, é áspero, de péssima qualidade, que, no reverdecer, no tempo – das – águas, cresce incrustado na areia, de partículas de sílica, como se fosse vidro moído: e adoce por isso, perigosamente, o gado que o come. Árvores, arbustos e má relva, são, nas chapadas, de um verde comum, feio, monótono.

Mas, por entre as chapadas, separando-as (ou, às vezes, mesmo no alto em depressões no meio das chapadas) há as veredas. São vales no chão argiloso ou turfo-argiloso, onde aflora a água absorvida. Nas veredas, há sempre o buriti. De longe, a gente avista os buritis, e já sabe: lá se encontra água. A vereda é um oásis. Em relação às chapadas, elas são, as veredas, de belo verde-claro, agradável, macio. O capim é verdinho-claro, bom. As veredas são férteis. Cheias de animais, de pássaros.

As encostas que descem das chapadas para as veredas são em geral muito úmidas, pedregosas (de pedrinhas pequenas no molhado chão claro), porejando agüinhas: chamam-se resfriados. O resfriado só tem uma grama rasteira, é nítida a mudança de aspecto da chapada

para o resfriado e do resfriado para a vereda. Em geral, as estradas, na região, preferem ou precisam de ir, por motivos óbvios, contornando as chapadas, pelos resfriados, de vereda em vereda. (Aí, talvez, a etimologia da designação: vereda.)

Há veredas grandes e pequenas, compridas ou largas. Veredas com uma lagoa; com um brejo ou com um pântano; com pântanos de onde se formam e vão escoando e crescendo as nascentes dos rios; com brejo grande, sujo, emaranhado de matagal (marimbú); com córrego, ribeirão ou riacho. (Por isso, também, em certas partes da região, passaram a chamar também de veredas os ribeirões, riachos e córregos - para aumentar a nossa confusão. (No começo do “Grande Sertão: Veredas” Riobaldo explica).

Em geral, os moradores dos “gerais” ocupam as veredas, onde podem plantar roça e criar bois. São os veredeiros. Outros, moram mesmo no alto das chapadas, perto das veredinhas ou veredas altas, que, como disse, também há, nas chapadas: estes são os “geralistas” propriamente ditos (com relação aos veredeiros, isto é, em oposição aos veredeiros). Mas o nome de geralista abrange, igualmente, a todos: os veredeiros e os geralistas propriamente ditos. Quem mora nos gerais, seja em vereda ou chapada, é geralista. Eu, por exemplo.

Você, agora, também.

Nas veredas há às vezes grandes matas, comuns. Mas, o centro, o íntimo vivinho e colorido da vereda, é sempre ornado de buritis, biritiranas, safarrás e pindaibas à beira da água. As veredas são sempre belas!” (ROSA, 2003, p. 37-38)

Como observamos, vereda é uma unidade lexical empregada como unidade nominal, em função locativa, por um grupo específico, o geralista do sertão dos Gerais, que como membro de uma comunidade linguística e sociocultural compartilha com os demais membros dessa comunidade um saber próprio a seus membros,

inserido no fazer social e no eixo da história (PAIS, 2009). Os termos específicos descritivos ou associativos que lhe são acrescentados projetam linguisticamente o ambiente geográfico e social como podemos observar em Vereda-Frango-D'água, Vereda-da-Vaca-Mansa-de-Santa Rita, Vereda do Vitorino, Vereda-do-Cocho, Veredas-Mortas, Veredas-Altas, Vereda do Buriti Pardo, Veredas-Quatro, Vereda-da-Vaca-Preta, Vereda do Alegre, Veredas Tortas, Vereda do Enxú, Vereda-Meã, Vereda do Saz .

Tomamos a palavra designativa no seu valor de construção do ambiente, como uma construção do homem e a própria linguagem enquanto instrumento que favorece sua percepção para todos os outros homens (a palavra é geradora e, ao mesmo tempo, reflexo da construção do mundo).

O VOCÁBULO-TERMO

Vereda: vocábulo ou termo? Qual o estatuto da unidade lexical *vereda*, na obra de João Guimarães Rosa? Em que norma discursiva poderíamos inserir as palavras (temáticas, dizemos nós), sertão, geralista, veredeiro ou chapadeiro, buriti, dentre outras, considerando-se o universo de discurso da língua geral e o universo de discurso das línguas de especialidades?

Ao nos referirmos pela primeira vez, para poder classificar a unidade lexical *vereda*, na indecisão, intuitivamente o problema se revelou. Algum tempo depois, tendo tido a oportunidade de ler o artigo *Etno-terminologia e Terminologia Aplicada: objeto de estudo, campo de atuação* de Maria Aparecida Barbosa, vislumbramos outro caminho para a análise das denominações, tão caras a Rosa, a partir de uma perspectiva que nos pareceu mais apropriada.

Muito já sabemos sobre as características que nos permitem distinguir e delimitar o vocábulo da língua geral e o termo técnico-científico das línguas de especialidades, porém a peculiaridade da palavra *vereda*, e de tantas outras no universo linguístico literário de Guimarães Rosa, é de grande relevância, pois se tornaram símbolos reais do espaço geográfico e de sua percepção da natureza e dos

conhecimentos culturalmente herdados. São palavras que participam de um universo de discurso tão particular que, ao se manifestarem em determinados discursos literários fica claro, reúnem qualidades não apenas da linguagem literária, mas também das línguas de especialidades. Pertencem a um grupo de falantes linguística e socialmente definido, histórica e geograficamente delimitado. Tais palavras congregam valores semânticos próprios de uma realidade, que exige do leitor imersão total neste grupo social, ao lado do homem que o habita.

As pesquisas de Maria Aparecida Barbosa de há muito vêm delineando a Etno-terminologia e a Terminologia Aplicada, enquanto subáreas da Terminologia, e culminaram com a recente proposta da pesquisadora de formalização da disciplina científica, a Etnoterminologia e suas decorrências em Terminologia Aplicada.

Em meio à vasta produção voltada para a Lexicologia e para a Terminologia, este novo campo de estudos nos aproxima de uma *“tênue fronteira existente entre o termo técnico-científico e o vocábulo da língua geral”* (BARBOSA, 2007, p. 433) nos discursos etnoliterários, entre os quais está presente o vocábulo-termo que congrega ambas as funções restritas ao vocábulo ou termo em seus específicos campos de realização. A pesquisadora apresenta-nos a unidade lexical que subsume duas funções, nos mesmos discursos ocorrência: o vocábulo-termo que reúne *“qualidades das línguas especializadas e da linguagem literária, de maneira a preservar um valor semântico e social, e constituir simultaneamente, documentos do processo histórico e cultural”* (BARBOSA, 2007, p. 434).

Vivemos um momento em que a tendência generalizada é de absorção do conceito de globalização, que soberbamente viceja desde fins do século passado. Isto impede que nos tempos atuais concentremo-nos em nossas raízes linguísticas e socioculturais, para refletirmos, principalmente com nossa juventude, sobre os autênticos aspectos da vasta realidade brasileira.

Constituir documentos do processo histórico e cultural é preservar o valor semântico e social a despeito do caráter dinâmico da evolução social, cultural e linguística, que não se faz sem os movi-

mentos de desaparecimento, conservação e surgimento de novas realidades. Sem esses movimentos é impossível ao homem considerar o outro e fazer-se entender pelo outro, seu interlocutor, a razão primeira de todos os atos linguísticos. O debruçar constante sobre os documentos literários ou não, dos quais emergem os valores regionais que dão a conhecer a origem dos diferentes grupos sociais, é uma das atribuições de maior importância do pesquisador.

Os nomes em *Grande Sertão: Veredas* são entidades reais das regiões em que se sucedem os acontecimentos, no oeste e nordeste de Minas Gerais, e oeste da Bahia e Goiás. Pertencem aos seres como marca de identidade ao mesmo tempo em que os expressam poéticamente. Como que para delimitar uma geografia desconhecida, Rosa registra-a com a minúcia de um geógrafo, nomeando vilarejos típicos e acidentes geográficos de toda ordem e, como um naturalista não menos metuculoso, relaciona infindas listas da fauna e da flora como que para autenticar-lhes a origem, e presentifica suas denominações em abundância, travestidas de deliciosas sutilezas linguísticas. É o autor quem nos informa a origem dos termos precisos, colhidos com precisão, em sua viagem em 1952:

Para escrever Grande Sertão: Veredas, passei um mês inteiro no mato, em lombo de mula, catalogando em um caderninho o linguajar do povo sertanejo. Há palavras que na cidade nem são conhecidas e que têm, contudo, raízes puras no latim autêntico. (CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 2003, p.190)

Também explica como a origem desses termos nasce de uma característica peculiar ao sertanejo dos Gerais de perceber, sentir e expressar sua realidade: o gosto pelas palavras cheias, usadas em sua significação completa e, a invenção de palavras, hábito dos sertanejos, que torna sua língua especial:

O capiau está mais certo: com o vocabulário involuntariamente escasso de que dispõe, gosta da

ostentação, de opulência, de beleza, de inventar nomes. Para os defeitos de seus cavalos e as cores dos seus bois, dá-se a um luxo incrível de termos exatos, marcando as mínimas gradações. Gente esperta! (ROSA, 2003, p.190)

Podemos concluir que a manifestação da língua dos sertanejos em Guimarães Rosa, em seu discurso literário, reúne qualidades não apenas da linguagem literária, mas também se reveste de sutil especificidade, visto pertencer a um grupo de falantes portador de um corpus linguístico de entendimento restritivo para aqueles que não participam da sua realidade.

Considerações finais

Desse ponto de vista compreendemos o comportamento linguístico das denominações, no léxico de João Guimarães Rosa, como um conjunto de unidades lexicais cujos semas caracterizam modelos sociais e culturais específicos do sertanejo, geralista ou veredeiro, reflexo da etnicidade própria do ambiente e do homem inseridos na paisagem geográfica do Brasil Central.

O espaço físico e cultural, e o homem são elementos constitutivos de uma realidade por assim dizer étnica, que a palavra faz realçar no imo dos sertões dos Gerais, enriquecendo cada denominação com traços densos que revelam a etnicidade desse grupo linguístico. É a essa palavra presente no léxico de *Grande Sertão: Veredas* (que distinguimos entre o vocábulo da língua geral e o termo do universo das línguas de especialidades), rigorosa em sua precisão de uso e que é necessário aprender para entender, que chamamos *vocábulo-termo*.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Maria Aparecida. Etno-terminologia e Terminologia aplicada: objeto de estudo e campo de atuação. In: *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. v. III. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.
- CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. Guimarães Rosa por ele mesmo. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 20 e 21, 2006.
- CÂNDIDO, Antônio. O Superrealismo de Rosa. *Jornal da USP*, São Paulo, n. 763, 2006.
- ROSA, João Guimarães. *João Guimarães Rosa: Correspondência com seu Tradutor Italiano Edoardo Bizzarri*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.
- PAIS, Cidmar Teodoro. Considerações sobre a semiótica das culturas, uma ciência da interpretação: inserção cultural, transcódificações transculturais. *Acta Semiotica Et Linguistica*, São Paulo, n.1, v.14. 2009.